

## O mundo das letras e para além das letras

*Por Michelle Neris Moreira*

Pequenos azulejos coloridos, tortos e sem simetria alguma forravam o chão do alpendre da casa que abrigou minha infância. Neles eu compunha brincadeiras e ensaiava enredos e foi lá que, no auge da maturidade dos meus quatro anos de idade, me deparei com uma caixa vazia que tinha quase a minha altura. Era da TV que meu pai trouxera quando retornou de São Paulo, após meses trabalhando na construção civil.

A caixa me fascinava, a TV instalada nem tanto. Sentada, a caixa me superava em altura, eu até poderia brincar dentro dela, mas algo externo me cativava. Aqueles códigos inquietavam-me, com meus dedos os contornava brincando de decodificá-los. Concentrada, desenhava no ar o que meus olhos viam, até que minha mãe percebendo minha curiosidade colocou um lápis em minhas mãos e, permanecendo ao meu lado, pediu que eu desenhasse as letras que via na caixa. Comecei por aquela que mais me encantava, a letra A – a. Ela estava no final da palavra, mas como alguém apaixonada pelos começos reconheci nela a promessa de um início.

Sentada naqueles azulejos cheios de cor, lápis à mão e aquela imensidão de caixa à minha frente, eu desejei o mundo. Ainda criança, sonhei com um universo de possibilidade que aquele código me traria, fui seduzida e me apaixonei pelas letras.

Fascinada pelo código linguístico, aprendi a fazer da escrita meu lugar seguro, nos livros me abrigava e nos diários registrava meus dias. O mundo parecia um lugar confortável, até que saí pela primeira vez do interior. Nunca esquecerei da desventura, do atordoamento e do pânico para pegar um ônibus coletivo na cidade grande. Como saber onde descer, se estava indo para um lugar que nunca havia estado? Como identificar a parada? Não havia legendas, nem placas, estava no escuro!

Até que vi uma senhora pedindo ao motorista para lhe informar quando chegasse ao lugar que ela desejava. Ah! Então era assim! Era preciso perguntar! Contudo, não era tão simples abordar um



motorista ou um estranho e pedir uma orientação, tudo parecia assustador. Por que as informações não estavam escritas, indagava-me!

Aquele episódio e os demais me fizeram questionar todo um sistema construído pelo código da língua. Pouco a pouco fui percebendo muitos outros códigos para além desse, e que para sobreviver eu teria que aprender a arte da observação.

Aprendi a ler o mundo para além das letras. Lembrei que não foi através de tutoriais que descobri ser possível me equilibrar em minhas pernas e a andar, eu apenas reproduzi o que lia ao meu redor. Ainda bebê descobri com tentativas e erros que meu choro rendia um colo confortável, e talvez tenha abusado um pouquinho porque fui apelidada de manhosa na infância. Aprendi mais tarde a andar de bicicleta sem seguir um manual, apenas confiando na mão do meu irmão, que me segurou e me equilibrou até que eu estivesse pronta para ele me soltar.

Aprendi a colecionar amigos, a seguir minha intuição. Hoje mando bem na arte da percepção e sou sensível as dores e alegrias alheias. Aprendi que as pessoas que mais amamos são as que mais nos ferem e que se apaixonar é para os loucos. Aprendi que viver é maravilhoso, que feridas cicatrizam e dão boas histórias para nosso amanhã.

Porém, o que de fato carrego comigo é que quando cheguei a esse mundo, vulnerável e só, aprendi com a observação e o exemplo, lendo tudo ao meu redor. Depois, com a inserção no código linguístico, fui me esquecendo e acreditei que o poder estava nele, que o real era somente o que fosse registrado no papel e que quem soubesse decodificá-lo era superior. E hoje eu sei que o código das letras é um suporte, porque o mundo está para além dele.



## Distantes do alfabeto: invisíveis e sós

*Por Michelle Neris Moreira*

Ouçam!

Há um silêncio que se espalha pelos cantos desse país. Não há espaço para a revolta, há apenas um calar-se, há um silêncio que oprime, que segrega. Eles estão à parte, tateiam por um código, exploram seus sentidos e sentem o mundo ao seu redor e se veem sós. Nascidos na mesma terra, não pertencem a mesma nação dos que cruzam seu caminho. Eles se calam, se silenciam e confiam.

Com-fiam...fi-am...com...

Com o outro um contrato de dependência é firmado toda vez que o código lhe força, e cada vez mais lhe força. O outro, sempre um outro lhe é necessário e a esse uma parte de si é confiada para que possa se comunicar nesse mundo codificado.

Invisíveis, se refugiam no silêncio.

Há uma força que se espalha por essa nação, há uma consciência que se expande e que conhece as dores e os lamentos que esse território esconde. Eles sabem o peso de uma inflação e as consequências de um mandato descompromissado com as necessidades de seu povo.

Eles sabem, eles veem! Mas, não os ouvem, não os veem!

Há uma consciência política, um anseio e uma necessidade latente pelo direito básico de existir. Ecoam gritos abafados dos que foram condenados sem que crime algum lhe sujassem as mãos.

Mas ninguém ouve!

Ninguém vê!

Caminham por entre nós, não os vemos, estão cansados, estão sós!



## Rompendo códigos libertando a língua

*Por Michelle Neris Moreira*

Se o poder me fosse dado  
Se a força da ação eu tivesse  
Eu acabaria com a pompa dos letrados  
E libertaria a língua aprisionada pelos cultos e eruditos  
Dançaria pelas ruas com os descodificados  
E cantaria e brindaria a alegria de conjugarmos a vida sem as marcas da opressão  
A cada esquina driblaríamos as adversidades  
E celebrariamos a liberdade de sermos donos de nossa própria voz!

Se o poder me fosse dado  
Se a coragem fosse minha guia  
Eu lutaria contra o academicismo  
E validaria os múltiplos saberes com títulos e regalias.  
Dona Maria seria doutora na ciência do tempero  
Dona Eva mestre nas colchas de fuxico  
E seu João pós-graduado em lajes e pés direito  
Juntos, construiriam escolas onde a direção atenderia no portão  
E os porteiros no piso superior supervisionariam a entrada  
Do respeito nas salas de aula e as lições do dia-a-dia.

Se o poder me fosse dado  
Se meu grito fosse ouvido  
Ninguém mais seria invisibilizado pela cor de sua pele



Pelo código linguístico ou por sair de sua terra  
A dignidade não seria dada nem tirada  
Seria direito adquirido e intocável, não daqueles escritos em papéis,  
Mas sim registrada no primeiro sopro de vida  
O mundo não alienaria os menos favorecidos  
Porque esses não existiriam, todos seriam favorecidos  
Com as condições básicas de terem seu código reconhecido,  
Equidade não seria mais uma palavra bonita do dicionário  
Seria ação e movimento  
Seria constância e fluidez

Porque somos múltiplos, nascemos vastos e expandimos para além dos códigos e das letras,  
Fluímos pela vida tecendo e cosendo, plantando e colhendo, ensinando e aprendendo. E as letras  
meio a contragosto, meio apaixonada pelos ritos vão registrando tudo isso...

